



LHM

UMA MEMÓRIA QUE PESA: TRAJETÓRIAS DO COMUM E A HISTÓRIA DA DITADURA BRASILEIRA NA HQ CHUMBO

Sabrina da Paixão Brésio*¹

*Universidade de São Paulo (USP)

e-mail: sabrina.bresio@usp.br

Resumo: O ensaio objetiva apresentar como a história brasileira do século XX é trabalhada na história em quadrinhos *Chumbo*, entrelaçando no cotidiano ficcional de uma família a rotina e os fatos históricos que culminaram no Golpe de 1964 e seu eco na renovação do conservadorismo profascista das primeiras décadas do século XXI. Publicada na França em 2023 e no Brasil em 2024, a obra cobre 60 anos da história brasileira, centrando-se em um relato ficcional de uma família, livremente inspirada pela família do autor franco-brasileiro Matthias Lehmann. Unindo pesquisa histórica e imagética, a HQ colabora para a compreensão das transformações políticas, culturais, arquitetônicas e sociais do país durante as ditaduras de Vargas e do Estado Novo, tendo Belo Horizonte como epicentro do movimento reacionário no cenário brasileiro. Com a plasticidade inerente à linguagem, o livro permite uma leitura complexa e estética do desenvolvimento cultural de cada década a partir das referências do design, arquitetura e urbanismo, da propaganda e da difusão nas mídias de cada época retratada. Acompanhando a intimidade de cada integrante da família Wallace e Rebendoleng, temos um panorama do jogo político que embasou o avanço conservador e a resistência libertária em suas nuances e contradições, e que tensionam o delicado fio que conecta à necessidade de lembrar e o desejo de esquecer.

Palavras-chave: História em Quadrinhos. Ficção Histórica. Cultura Visual. História do Brasil. Ditadura Militar.

A memory that weighs: trajectories of the common and the history of the Brazilian dictatorship in the graphic novel *Chumbo*

Abstract: The article aims to present how Brazilian history in the 20th century is portrayed in the graphic novel *Chumbo*, interweaving the fictional daily life of a family's routine with historical facts that culminated in the 1964 coup d'état, as well as its echo in the resurgence of proto-fascist conservatism in the early decades of the 21st century. Published in France in 2023 and in Brazil in

¹ Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Historiadora (FFLCH/USP), mestra e doutora em Educação (USP). Vice coordenadora do lab_arte - laboratório experimental de arte-educação e cultura (FE/USP). Filiada à ASPAS - Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3843715048841499>. Ocid: <https://orcid.org/0000-0002-4571-4854>.



2024, the work spans 60 years of Brazilian history, focusing on a fictional account of a family, freely inspired by the family of the French-Brazilian author Matthias Lehmann. Combining historical and visual research, the novel contributes to an understanding of the political, cultural, architectural, and social transformations in the country during the Vargas and Estado Novo dictatorships, with Belo Horizonte as the epicenter of the reactionary movement in the Brazilian context. With the inherent plasticity of its language, the book enables a complex and aesthetic reading of the cultural development of each decade, based on references from design, architecture, urbanism, advertising, and media dissemination from each portrayed era. Following the intimacy of each member of the Wallace and Rebendoleng family, we gain a panorama of the political dynamics that supported the rise of conservatism and libertarian resistance in its nuances and contradictions, highlighting the tension between the need to remember and the desire to forget.

Keywords: Graphic Novel. Historical Fiction. Visual Culture. History of Brazil. Military dictatorship.

Introdução

“Quando eu visitava a família de minha mãe no Brasil, meu tio Juan me levava para tomar uma cerveja no boteco que ele costumava frequentar em Belo Horizonte, numa esquina da Rua da Bahia”. É assim que o autor Matthias Lehmann começa a conversa com o público leitor no posfácio de *Chumbo* (2024, p. 365). A história em quadrinhos² (HQ), publicada originalmente na França em 2023, chega ao Brasil no ano da efeméride do Golpe de 1964, como uma contribuição relevante e inédita do modo de abordar a complexidade do período da ditadura militar. Em seu posfácio, Lehmann partilha quais inquietações o levaram a criar a obra: em 2019, com a eleição de J. Bolsonaro antecedida pelo processo de impeachment de Dilma Rousseff, o mundo olha para o Brasil tentando entender o que aconteceu. Relembrando as cervejas com o tio em Belo Horizonte no início dos anos 2000, o autor nos conta que: “Na época, a ditadura militar era uma lembrança quase distante, mas muito boa para o público do bar. O discurso consagrado era ‘Quero mais que o exército retome o poder!’...” (ibid.)

Assim, constatando a ascensão de um representante de uma direita conservadora e militarista, saudosa e revisionista, Lehmann inicia uma pesquisa histórica para compreender de onde velhos jargões como “Fora comunistas” e “Na ditadura era melhor” são reavivados com força nos botecos, nas ruas e nas redes sociais. Iniciada em 2019 e concluída em 2023, *Chumbo* desenvolve, em nove capítulos, um recorte que abarca de 1937

² História em quadrinhos, HQ e graphic novel serão termos utilizados enquanto sinônimos ao longo do texto.



a 2003, e mescla personalidades históricas e fatos ocorridos desde o governo de Getúlio Vargas, passando por Juscelino, João Goulart e pelos 21 anos da ditadura militar e pela redemocratização, junto a uma narrativa ficcional que acompanha os integrantes de duas famílias mineiras. O leitor presencia as transformações ocorridas no Brasil nos campos da urbanização, do desenvolvimento tecnológico das mídias, dos expoentes da cultura popular, e também o esteio que orienta a nova onda conservadora que vigora atualmente, nascida do longo processo de silenciamento conciliador do Estado representado, por exemplo, pela dificuldade em encaminhar e executar as recomendações indicadas pela Comissão Nacional da Verdade³.

Figura 1 - À esquerda: trecho de HQ *Chumbo*, representando a marcha de 1964
À direita, fotografia de manifestação nas eleições presidenciais de 2022



Fontes: Nemo, 2024. p. 120; Foto Getty Images via BBC.

A partir de uma dinâmica polarizada entre dois irmãos, Lehmann constrói uma narrativa histórica entre os vermelhos e os verdes, militares e militantes, que abandona a oposição extremada e superficial e trabalha as imbricadas misturas entre esses polos aparentemente incompatíveis. Menos que uma oposição extremada, o autor delinea as contradições, paixões, dificuldades e a indiferença que as personagens vivenciam ao longo dos anos e das mudanças políticas.

O enredo da HQ segue a vida das famílias Wallace e Rebendoleng de 1937 a 2003. A primeira é capitaneada por Oswaldo Wallace, industrial ligado à extração de minérios, capitalista com grandes recursos e influência na cena política de Belo Horizonte. Casado

³ Comissão instituída em 2012, 30 anos depois da Lei da Anistia. Aponta os crimes e violações de direitos humanos perpetrados pelo aparato do Estado, seja por omissão ou ação direta, de 1946 a 1988, com destaque para o período de 1964-1985. Produziu vasto relatório finalizado em 2014 com 3 volumes, com levantamento de 434 mortos e desaparecidos. Disponível em <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>. Último acesso em 13 jun. 2024.



com Maria Augusta, tem cinco filhos: Severino, Ramires, Adélia, Úrsula e Berenice. Já Luís Rebendoleng é um imigrante identificado como polaco, funcionário explorado nas minas e um dos que incitam a greve em prol do pagamento dos salários atrasados. Vivendo na região de Sete Lagoas, é casado com Neide e pai de Iara e Zezinho.

Ainda na infância, na década de 1930, os caminhos de Severino, Ramires, Iara e Zezinho se entrecruzam, anunciando escolhas e posturas que reverberarão em suas trajetórias futuras.

Figura 2 – Página dupla da HQ que introduz as personagens, crianças que brincam durante um festejo do Congado em 1937, indiferentes à oposição social e política de seus pais



Fonte: Nemo, 2024. p. 21-22.

Aliando-se a militantes da Ação Integralista Brasileira, Oswaldo Wallace coopta o jovem Porfírio Martins para reprimir a greve nas suas minas, por meio da tortura de Luís Rebendoleng, que acaba morto. Centrando-se na ação política de Belo Horizonte, acompanhamos a entrada do industrial dos minérios no círculo político que vê, com apreensão, os movimentos de Getúlio Vargas e a criação da Companhia Siderúrgica Nacional, além de apoiar Juscelino Kubitschek, então prefeito.

Avançando década a década, cada capítulo parte de um ponto fulcral da política do período, e de seu impacto no desenrolar da vida das personagens. Porfírio se torna policial, e terá um papel importante no aparato de tortura do DOPS; Iara tenta a vida na capital em



trabalhos que lhe permitam estudar, e se forma na UFMG; Severino é jornalista no *Notícias de Minas* e Ramires é empregado em um escritório, vive de golpes, jogos de azar e da renda da família. A oposição ideológica contrapõe também as irmãs da família Wallace, sobretudo após a morte do patriarca e a dilapidação da fortuna por seu sócio Vasconcelos, com Úrsula se aproximando dos debates sobre a liberação feminina, e Adélia apoiando-se fortemente na corrente católica pró-governo militar.

O grande contraponto é centrado nos dois irmãos, Severino e Ramires, com a imbricada polarização entre o discurso conservador e superficial de Ramires, e o envolvimento quase acidental de Severino com a guerrilha armada, que o leva a ser preso e torturado. Apesar do mote da oposição entre dois irmãos parecer, à primeira vista, um lugar comum, a história é livremente inspirada nas dinâmicas da família do autor, sobrinho do famoso escritor mineiro Roberto Drummond, ele mesmo um jornalista que foi vinculado ao comunismo. O desejo de criar uma obra que tratasse do Brasil era antigo, como Lehmann declara em entrevistas⁴, sendo filho de uma brasileira que migrou, mas que manteve um vínculo forte com o país. Com o avanço dos processos de impeachment e a eleição bolsonarista, o autor percebe que havia chegado a hora de seguir com o projeto antigo, agora com uma definição mais clara do recorte e do território a serem abordados. Sobre a mescla entre fatos históricos, a inspiração familiar e a ficção em quadrinhos, Lehmann diz que

Outro tio meu, Roberto, era um escritor conhecido. Em Belo Horizonte tem até uma estátua dele. Na juventude, seu engajamento comunista lhe causou alguns problemas...
A partir daí deduzir que Roberto é Severino e que Juan é Ramires, seria muito simples.
Da mesma forma, minha tia Consuelo era muito devota e tinha uma pequena fazenda perto de Ferros. Mas Consuelo também não é Adélia...
Para dizer a verdade, este jogo de autoficção que fermenta as neuroses familiares é ele próprio uma forma de atavismo, pois já está presente nos romances do meu tio... Com *Chumbo*, espero, portanto, trazer a minha modesta contribuição para essa tradição de bonecas russas.
(Lehmann, 2024, p. 367)

Essa *tradição de bonecas russas* pode ser compreendida também como o emaranhado do novelo da memória. Cada indivíduo que puxa um fio se torna corresponsável pela composição do tecido que dê conta de representar o melhor possível o painel da história.

⁴ Como na resenha de Clara Rellstab (<https://quatrocinco.com.br/resenhas/historia/as-pessoas-na-sala-de-jantar/01/03/24>) e entrevista para *Mundo Gonzo* (<https://youtu.be/g5bRLxsJtig>)



Esta tapeçaria coletiva virá também com seus furos, seus nós e seus remendos, pois, como propõe a filósofa Jeanne Marie Gagnebin em diálogo com Nietzsche, Nora, Adorno e Todorov, certas experiências traumáticas coletivas, como a Shoah (em nosso caso, a ditadura), convergem tanto para um *dever da memória* como uma intimação ao não-esquecimento, quanto para uma tendência ao esquecer, seja intencional ou sistemática, de modo que seja possível viver o presente sem as heranças da culpabilidade e do trauma. Retomando Adorno, cita que

Adorno não afirma que devemos nos lembrar sempre de Auschwitz; ou seja, ele não defende incessantes comemorações. Não considero nuance irrisória de vocabulário o fato de que Adorno (...) fale muito mais de *uma luta contra o esquecimento* do que de atividades comemorativas, solenes, restauradoras, de “resgate”, como se fala tanto hoje. Se essa luta é necessária, é porque não só a tendência a esquecer é forte, mas também a vontade, o desejo de esquecer. Há um esquecer natural, feliz, necessário à vida, dizia Nietzsche. Mas existem também outras formas de esquecimento, duvidosas: não saber, saber mas não querer saber, fazer de conta que não se sabe, denegar, recalcar. (...). Adorno estabelece uma relação muito clara entre culpabilidade e vontade de esquecimento.
(Gagnebin, 2009 p.100-101, grifos no original.)

Apropriar-se de suas memórias enquanto um ‘estrangeiro’ que constata, na dinâmica de sua própria família, o jogo de lembrar-esquecer e, a partir dele, elabora com a ficção mais um pedaço do tecido que ajuda a compor nossa percepção histórica sobre as ditaduras brasileiras faz de *Chumbo* uma ficção histórica, com uma colaboração fundamental para leitores/as de nosso tempo. Como Lehmann afirma, fiar-se na autoficção para tentar entender não apenas as *neuroses familiares*, mas o tempo em que se vive, é também sua herança.

Nas escolas, nas ruas, campos, construções

...os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações.
(NORA, 2012, p.22).

Chumbo começa com uma página sem texto verbal, e em oito quadros recebe a pessoa leitora com uma caminhada visual por uma cidade. Ainda não sabemos onde estamos ou quando, até virarmos a página e sermos apresentados à Belo Horizonte de 1937, numa vista panorâmica de uma avenida principal. Assim, o quadrinho nos introduz em tempo e espaço,

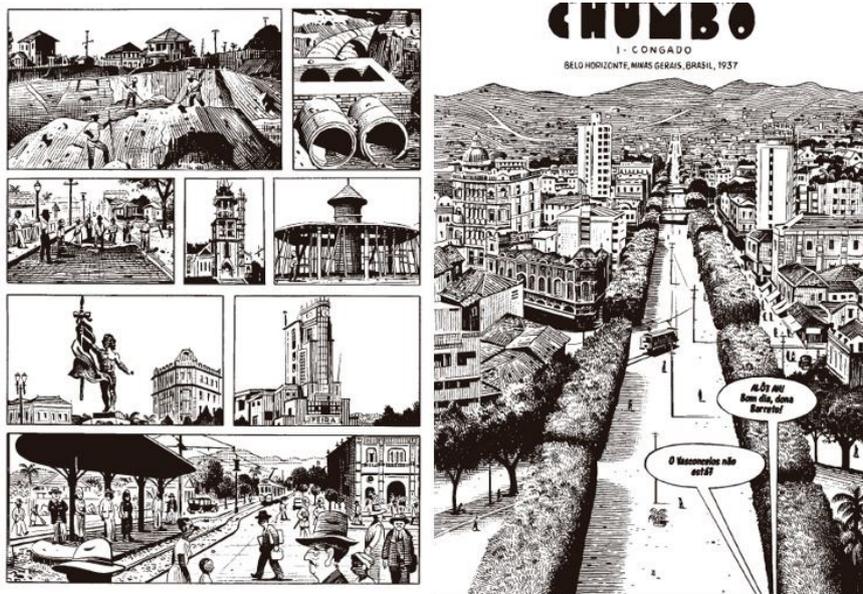


e nos convida a adentrar pelas ruas de BH como observadores privilegiados de uma viagem ao passado.

Um primeiro aspecto de destaque na dinâmica da obra é a relação da narrativa visual, que colabora para transformar a cidade também em personagem. Mais do que um cenário ou ambientação, o apuro aos detalhes e a maneira de retratar as transformações que o território sofre ao longo das décadas são componentes narrativos que convergem para um entendimento tanto da modificação da paisagem quanto da relação das pessoas com o processo de urbanização e com os usos da cidade em cada década.

A história de Severino e Iara transita entre o interior mineiro, mais notadamente na região de Ferros e Sete Lagoas, passando por Brejaúba e Araçuaí, e se circunscribe em Belo Horizonte, onde a família Wallace passa a morar após a morte de Oswaldo Wallace.

Figura 3 – Páginas iniciais da HQ Chumbo



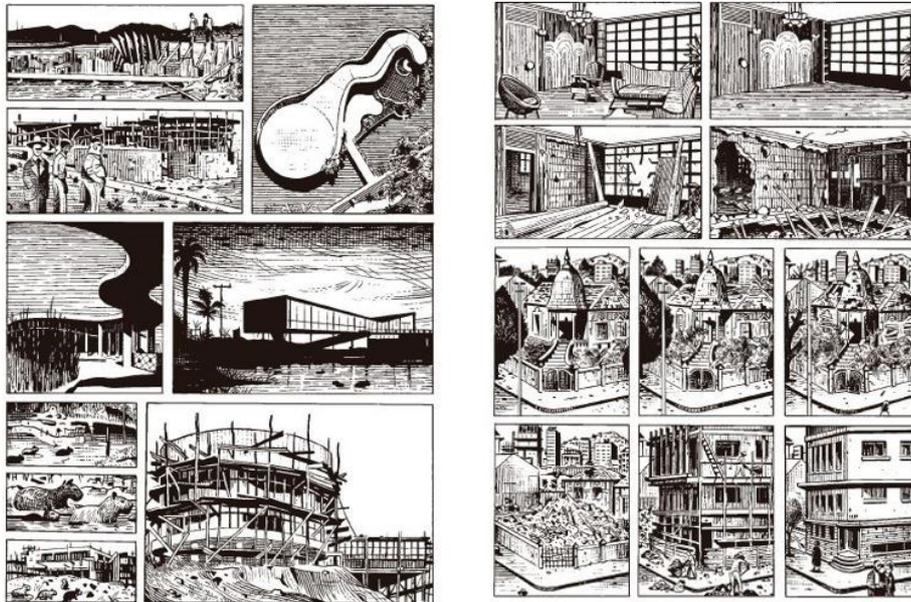
Fonte: Nemo, 2024. p. 03-05.

O autor pauta-se por espaços e construções arquitetônicas icônicas de cada momento e reforça a passagem do tempo a partir dos modos de habitar, se locomover e fruir a cidade, com sua tecnologia e aceleração urbanística, marcada a cada avanço temporal pelo design, moda, edificações e propagandas. Estes marcos visuais confluem para dar intensidade e textura às histórias narradas. Como narrativa, convida seu leitor a uma deriva pela capital mineira, em que podemos ainda hoje reconhecer fragmentos sobrepostos dessas marcas



temporais. Neste sentido, a HQ extrapola sua camada primeira de narração, tornando-se também arcabouço da história da cidade.

Figura 4 – À esquerda, construção do Complexo da Pampulha, projeto de Oscar Niemeyer sob encomenda de Juscelino Kubitschek, então prefeito de Belo Horizonte; à direita processo de demolição do casarão da Família Wallace após perda de bens financeiros



Fonte: Nemo, 2024. p.46-109.

Aproveitando as possibilidades da linguagem quadrinística, é interessante notar a ausência de diálogos ou de outro elemento verbal em várias páginas em que o trajeto pelo território acontece. São momentos em que o espaço é a personagem e quem lê é convidado a se deter mais nele, caminhando com os olhos e percebendo suas particularidades. São momentos de um silêncio textual que permitem a fruição do conjunto visual. Na sequência dessas imagens, o fio narrativo é retomado e as personagens que habitam esse espaço voltam a conduzir nossa leitura.

Os espaços nos quais o enredo se desenrola também estão impregnados de sua memória política e colaboram para ampliar a percepção das articulações simultâneas dos aparatos de perseguição e resistência, junto à vida comum, durante os sessenta anos que a HQ cobre. Enquanto no interior se deflagram greves nas minas, na capital, o complexo da Pampulha é palco de acordos que pavimentam a trajetória política de Juscelino Kubitschek.

Lehman incorpora em suas personagens a representação de diversas frentes políticas, sobretudo após o Golpe de 1964 contra o governo de Jango. Iara Rebendoleng, inspirada



pela vida e morte do pai sindicalista, adere aos movimentos armados de articulação marxista, bem como representa a camada juvenil que acessa, a duras penas, a universidade pública, onde se tornará futuramente professora. Adélia Wallace abraça a causa militar a partir de sua vinculação religiosa enquanto sua irmã Úrsula é a jovem estudante que se aproxima do discurso mais alinhado à liberação feminina e à boemia dos anos 1960. Ramires será o filho que materializa a contradição do discurso conservador, enquanto vive de golpes e favores sexuais, escondendo seu relacionamento homossexual. Porfírio é o jovem militar que segue carreira na polícia, se tornando o modelo de torturador durante a Ditadura e, posteriormente, chefe do jogo do bicho em Belo Horizonte. Já Severino é o jornalista que se alinha à esquerda comunista, sem se filiar efetivamente a nenhuma doutrina, e que se vê mais levado pelos acontecimentos do que como um militante fervoroso.

Cada uma destas personagens exemplifica um pedaço do tortuoso desenho histórico-social dos anos de chumbo, abarcando desde os movimentos grevistas camponeses, a guerrilha rural e urbana, o movimento estudantil, a reação religiosa, a resistência na clandestinidade. Ainda que sua participação dê conta de pontuar cada uma desses tópicos, há um cuidado em compor suas personalidades. Cada personagem, principal ou secundária, constrói sua trajetória, que possui coerência com suas escolhas. Menos que personagens planas e decorativas, a *graphic novel* cria relações e tensões que permitem a quem lê compreender as escolhas e os discursos de cada uma das personagens. Um fator que reforça a qualidade deste trabalho em sua pesquisa e condução é que o autor não se prende a uma redução simplista de opostos ideais, do binarismo centrado entre direita e esquerda. Por sua extensão (364 páginas) e refino no roteiro, Lehmann é hábil em expor uma camada essencial que passa, por vezes, despercebida ou esquecida e que explica em muito nosso cenário político atual: as pessoas que simplesmente seguiram ‘vivendo a vida’ sem grandes elaborações ou posicionamentos políticos.

Alegria, alegria

*Sem lenço, sem documento
Nada no bolso ou nas mãos
Eu quero seguir vivendo, amor
Eu vou
Por que não, por que não?
(Caetano Veloso, 1967)*



No texto que consolida o termo 'lugares de memória', Pierre Nora investiga o peso simbólico que os marcos de memória ocupam na narrativa histórica de um povo, em seu estudo de caso, o francês. Ele define, como sintetiza Neves (2007) os lugares de memória enquanto:

lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva – vale dizer, essa identidade – se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória.

No esteio das discussões da História Nova e dos Annales, a historiografia pós-Segunda Guerra Mundial passa a questionar e tensionar a primazia da escrita da História a partir da chamada 'história das personalidades', que prioriza e oficializa a narrativa hegemônica sob a égide de grandes eventos e figuras políticas, monumentalizando episódios e personagens históricas em detrimento de um estudo amplo e diverso do conjunto que culminou ou consolidou determinadas personalidades e marcos históricos. Esta forma de rememoração histórica é reforçada e em grande medida retroalimentada também pela ficção, ao passo que as artes se pautam por elas para criar suas histórias. A narrativa heroica é um topos empático e agregador de público, sobretudo quando ele reafirma pontos morais partilhados por um grupo comum.

Oporemos, por exemplo, os lugares dominantes aos lugares dominados. Os primeiros, espetaculares e triunfantes, imponentes e geralmente impostos, quer por uma autoridade nacional, quer por um corpo constituído, mas sempre de cima, tem, muitas vezes a frieza ou a solenidade das cerimônias oficiais. Mais nos deixamos levar do que vamos a eles. Os segundos são os lugares refúgio, o santuário das fidelidades espontâneas e das peregrinações do silêncio. É o coração vivo da memória.

(Nora, 2012, p.26)

Chumbo consegue agregar certa profundidade e alargar esse horizonte, ao compor um conjunto de personagens que convivem e ajustam suas vidas durante a ditadura militar e apesar da ditadura militar, abrindo espaço para que as pessoas comuns, a média dos cidadãos e cidadãs, possam ser retratadas em sua multiplicidade. Nem todos têm um posicionamento político acurado; nem todos têm problemas com a censura; nem todos têm dimensão dos aparatos da tortura. Passando de uma massa aparentemente amorfa e alienada, as pessoas descritas na HQ refletem as mesmas pessoas que conhecemos, com as quais convivemos. A



contradição dos discursos ecoa no boteco, no salão de beleza, na igreja, nas ruas, nas discussões à mesa de jantar.

Figura 5 – Detalhes da HQ Chumbo, com discussão durante almoço da família Wallace



Fonte: Nemo, 2024, p.141,142.

Ao compor ficcionalmente o passado recente do Brasil, a HQ cria um jogo de espelhamentos, onde conseguimos ler e reconhecer determinados discursos e posturas com as quais convivemos desde o Golpe de 2016, rastreando suas origens desde o Golpe de 1930. A construção simbólica da ameaça comunista, tão reavivada nos últimos anos, aparece em seu gérmen, com o Plano Cohen em 1937, e dosa o tom do jogo entre direita e esquerda na opinião pública, refletida nos quadrinhos. A permanência destes discursos que revalidam a intervenção militar, a tortura e a austeridade, é alimentada pelos *lugares simbólicos da memória*, que respaldam essa vontade de memória que unifica uma identidade saudosista do passado que “era melhor”.

A canção de Caetano Veloso é uma síntese da denúncia que tornou-se hino na contracultura ao fazer referências diretas e indiretas a grupos e movimentos como o jornal *O Sol*, tabloide carioca que circulou de 1967 a 1968, e influenciou outros como o *Pasquim* em 1969.

O sol se reparte em crimes
Espaçonaves, guerrilhas
Em cardinales bonitas
Eu vou

Em caras de presidentes



Em grandes beijos de amor
Em dentes, pernas, bandeiras
Bomba e Brigitte Bardot

O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia

Além de se firmar como música de protesto (o que lhe valeu mais algumas laudas no extenso dossiê que o DOPS criou sobre o cantor⁵), a canção afirma o desejo (e a necessidade) de insistir na alegria, *apesar de tudo*. Nos sessenta anos de vida de suas personagens, o quadrinho de Lehmann também evidencia essa vida que persiste, em que o sexo, o amor, a falta de dinheiro, a diversão e a depressão convivem com a busca pelos presos políticos, com os mecanismos para burlar a censura na imprensa, com a *mass media* e a propaganda ideológica estatal. Esta é a geleia geral⁶ que encorpa o caldo cultural que anima os anos de chumbo.

Na mesma medida em que *Chumbo* se debruça e expõe processos de perseguição, espancamentos, prisões e a institucionalização dos aparatos de tortura com respaldo político e econômico, ele também valoriza as manifestações culturais que, à sua maneira, resistiram como espaços para reflexão sobre o que se passava no país. Além da música e do ambiente boêmio de BH, que reunia escritores, poetas, compositores e cantoras, Lehmann se vale, sobretudo, do humor gráfico presente nas charges e cartuns veiculados pela mídia, e do avanço da televisão e do cinema.

As mídias impressas e televisivas são fundamentais para compor os *lugares funcionais* da memória. No quadrinho, o autor reproduz manchetes e matérias de época que marcam as transições políticas que alicerçaram o Golpe de 64, e reconstrói como a circulação dessas imagens e notícias se faziam no cotidiano da cidade e do campo, graças às novas tecnologias da época.

Lehmann mescla sua narrativa ficcional com fatos históricos, propondo um jogo com o leitor que pode, a partir de sua bagagem e familiaridade com o papel da imprensa na ditadura, reconhecer inferências a Millôr Fernandes, ao *Pasquim*⁷ e outras figuras emblemáticas do período. Aproveitando-se da plasticidade da linguagem em quadrinhos,

⁵ Em matéria para *El País*, Leonardo Lichote (2020) apresenta recortes do dossiê de 330 páginas contra o músico, incluindo citações de registro oficial contra álbuns, shows e manifestações de Caetano que nunca existiram.

⁶ Referência à canção de Gilberto Gil e Torquato Neto, censurada em 1968.

⁷ Todas as edições do jornal estão digitalizadas e disponíveis para leitura *online* em <https://memoria.bn.gov.br/>.



o autor utiliza tanto recursos de composição da página, que emulam a materialidade do jornal, quanto cria uma metalinguagem autorreferencial, ao apresentar personagens como jornalistas e chargistas, como Zé Requeijão e Jacaré, que exemplificam a relevância dos comentários políticos em charge, uma importante marca da memória histórica salvaguardada nas artes gráficas no Brasil⁸.

Figura 5 – Páginas da HQ com a composição de notícias de cada época



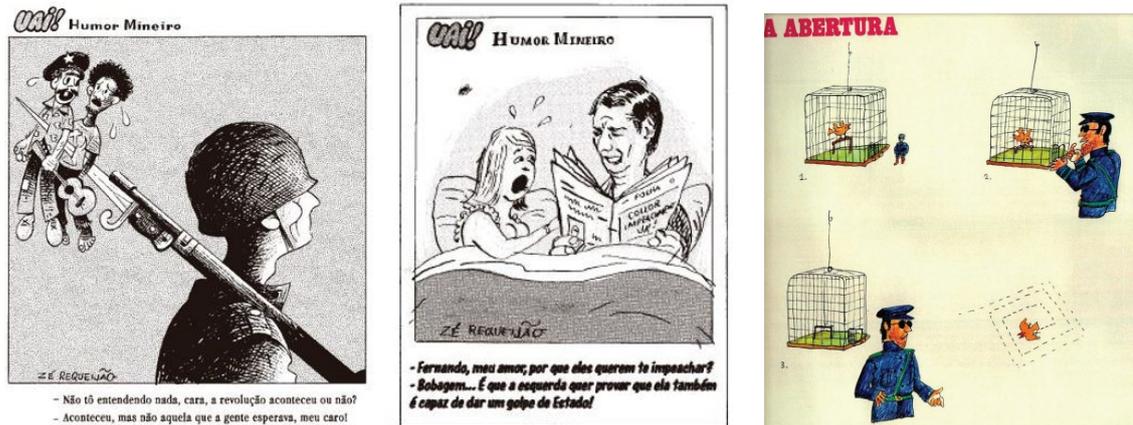
Fonte: Nemo, 2024, p. 75-138-288-342

⁸ Como demonstrado, por exemplo, em Agostini; Gama (2005); Tozatti (2005); Modenesi (2022)



Os quadrinhos e desenhos de humor se constituem no país como um importante bastião do registro e de disputa pela memória, e permanecem atualizando a crítica política nacional, com vemos com trabalhos como o de Gilmar, cartunista que cobriu via *Instagram* os quatro anos do governo bolsonarista, publicadas nos volumes *Brasil em charges* (2019-2022).

Figura 7 – Detalhes de duas charges da personagem de *Chumbo*, Zé Requeijão, com diferença de 30 anos
À direita, charge de Millôr Fernandes publicada na Revista Veja em 1980



Fonte: Nemo, 2024, p.149-343; Espilotro, 2015, p. 52.



Figura 8 – Iara e Severino leem o jornal na clandestinidade
A arte familiar e a assinatura podem indicar que seu amigo Jacaré está vivo



Fonte: Nemo, 2024, p.207.

Figura 9 - À esquerda, Capa do Pasquim em 1969, denunciando as prisões dos jornalistas do tabloide
À direita, charge de Ziraldo publicada no Pasquim em 1971

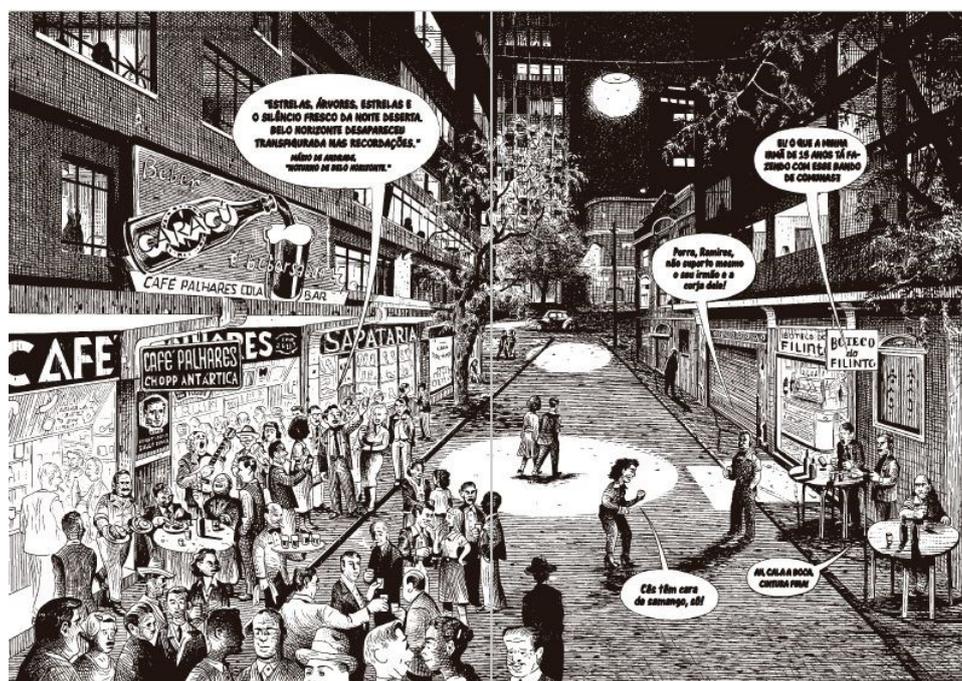


Fonte: Memorial da Democracia.



Outro exemplo relevante da cena social que Lehmann inclui em sua HQ é a travesti⁹ Cintura Fina. Figura icônica de Belo Horizonte entre as décadas de 1950 a 1970, ela também foi incluída por Roberto Drummond no famoso livro *Hilda Furacão*, sendo representada por Matheus Nachtergaele na adaptação televisiva produzida pela TV Globo em 1998. Em 2021, Cintura Fina foi reconhecida como cidadã honorária de Belo Horizonte e, em 2023, seu nome foi dado ao primeiro acervo institucionalizado da cultura LGBT+, organizado pelo Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBTQIA+ da UFMG.

Figura 10 – Página dupla em que vemos a boemia belorizontina, com a presença de Cintura Fina



Fonte: Nemo, 2024, p.98-99.

Apesar de você

A leitura de uma ficção histórica permite o desenrolar de um tempo distendido, em que a história de vida das personagens se conecta com a nossa, por meio de fatos vivenciados que se tornam comuns à nossa experiência coletiva partilhada. Em *Chumbo*, temos não apenas sessenta anos de história entre golpes e ditaduras, mas também o

⁹ Conforme descrição atual no site do arquivo (s/d) "uma dissidente sexual, de uma figura não propriamente travesti, mas do que hoje denominariamos queer: Uma importante personagem LGBT+ no cenário da cidade de Belo Horizonte." Disponível em: <https://www.nuhufmg.com.br/cultura-e-memoria/>. Acesso em 4 jul. 2024.



desenrolar da vida de pessoas, ainda que fictícias, de sua da juventude à velhice. Isso cria uma potência de vida além do evento, em que Iara e Severino não se reduzem aos militantes, nem Porfírio apenas ao algoz. Eles seguiram com suas vidas durante o período ditatorial e de redemocratização, e o que fizeram delas revela como foi necessário recriar a vida *apesar* da ditadura.

Pesquisas, como a da cientista social Glenda Mezarobba (2003) demonstram como o processo de anistia impactou a responsabilização e o processo de dívida e reparação do Estado brasileiro para com as vítimas das ditaduras e seus descendentes (lembrando que a Comissão da Verdade também considera os desaparecidos e presos políticos da ditadura getulista). A falta de condenações e outras penalizações pelos crimes cometidos, agrava o trauma partilhado pelos sobreviventes e seus descendentes, e reforça a demanda por lugares de memória onde essa dor e história possam ser partilhados e reconhecidos como uma dor coletiva. No caso da HQ, o autor conduz o tema da memória junto ao do memorial, uma prática comum em eventos traumáticos, como também no processo de monumentalização da memória. No Brasil, o levantamento clandestino e sistemático de processos judiciais deu origem à publicação *Brasil Nunca Mais*, em 1985, e foi o estopim para as mobilizações por investigações e o reconhecimento público dos crimes perpetrados pelo Estado. Além de sobreviventes e ex presos políticos, a mobilização de familiares foi fundamental para garantir e preservar lugares de memória coletiva, como a Vala de Perus e o Portal do Presídio Tiradentes, em São Paulo (Teles, 2015).



Figura 11 – Página da HQ retratando o momento em que a Maria Augusta descobre o motivo do desaparecimento de seu filho



Fonte: Nemo, 2024, p.228.

Matthias Lehmann constrói a trajetória de Severino como escritor, e seu maior sucesso será o livro *Meus amigos me vingarão*, em que ficcionaliza sua experiência na guerrilha e na clandestinidade. Como a obra de Drummond, o livro de Severino será adaptado para o audiovisual, tornando-se uma novela de sucesso. A opção de Severino por contar suas memórias em livro faz eco à prática memorial desenvolvida por muitos sobreviventes. Na obra ficcional *Herança* (2022), o escritor mineiro Jacques Fux parte do estudo dos diários de sobreviventes dos campos de concentração para narrar, também no formato de diários, a vida de três mulheres (avó, filha e neta), e o que fazer com o trauma enquanto herança. Frei Betto recebeu um Jabuti em 1982 por seu livro *Batismo de Sangue*, que



será também adaptado para o audiovisual em 2007, em que rememora a participação de frades dominicanos com Marighella na resistência à ditadura militar. Ao tratar do livro, Alfredo Bosi tece comentários que corroboram com a maneira que a HQ *Chumbo* traduz a memória:

A memória não é pura passividade, não é mera recepção do que nos traz o mundo. É um regaço generoso onde se concebe o fruto da lembrança, que virá a ser, *um dia*, a voz de um passado ainda vivo. (...) O tempo da recordação tudo abraça no seu desejo de trazer à nossa presença os nomes e os vultos dos que se foram. Neste sentido, *Batismo de sangue* não é somente mais um livro de memórias a engrossar o fluxo dos evocadores dos últimos anos: é um *memorial*...
(Bosi, 2015, p.335-338, grifos no original)

Na HQ, o quadrinista faz referência à UFMG, universidade na qual a personagem Iara se forma e, anos após sua liberação da prisão do DOPS, se torna professora de literatura contemporânea. A citação é relevante já que, atualmente, está no centro de uma disputa pela memória: em 2009, articulada com a Prefeitura de Belo Horizonte e o Ministério da Justiça, a UFMG lidera o projeto do Memorial da Anistia, com o objetivo de preservar a memória da repressão política no Brasil, desde 1946 até a redemocratização. Com orçamento inicial de cinco milhões de reais, e instalação no antigo prédio do Colégio Aplicação, a obra foi paralisada já no primeiro ano do governo Bolsonaro. Ainda em 2019, a então ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, em visita à obra, afirmou que:

Essa obra não vai ser entregue para a sociedade da forma como ela foi planejada, ou seja, como memorial. Não temos como terminar, não no nosso ministério (...). Temos um respeito muito grande aos anistiados, à história. Mas grande parte desse projeto aqui é uma museografia, e ela está intacta, a universidade tem guardada intacta uma exposição que já estava pronta. Existe também a museografia em forma de imagens, isso está preservado. A memória está preservada, então *vamos decidir depois o que fazer com a memória, com o acervo, a museografia, com os livros*.
(Arce, 2019, grifos meus)

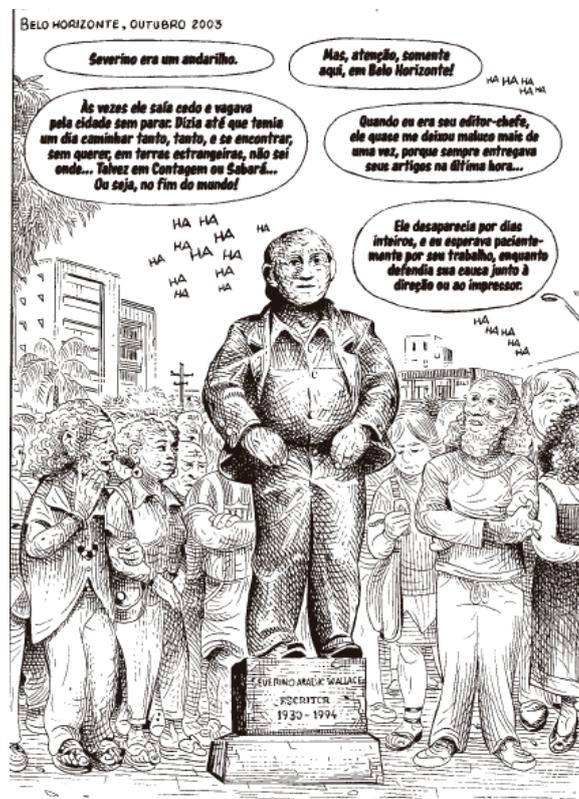
Com esse impasse, em 2021, os dirigentes da UFMG também passaram por um processo administrativo disciplinar instaurado pela Controladoria-Geral da União (CGU), que foi arquivado. Até o momento, não há propostas para finalização da obra.



Considerações finais

Na costura artística entre a ficção narrativa e a historiografia, *Chumbo* encerra com a síntese materializada dos espaços de memória tradicionais: a estátua. Estátuas são um dos lugares de memória mais facilmente identificáveis, enquanto marco físico de um tempo-espaço, como também da materialização da memória em monumento. Na história recente, o embate em torno dessa forma de memória, sua permanência e incidência política e social, colabora para tensionar e emergir novos marcos para o debate público sobre o que queremos lembrar, e como constituir essa lembrança. Em São Paulo, por exemplo, a pedra que marcaria o local do assassinato de Carlos Marighela foi alvo de disputas desde sua inauguração, e segue deslocada de seu intento inicial, localizada “depois da lixeira, ao lado de uma árvore, pouco antes da próxima garagem. Escondida entre aparelhos urbanos, é difícil saber o que ela é. A placa que carregava os dizeres hoje marcados no mármore foi roubada depois da inauguração” (BBC, 2019).

Figura 12 – Detalhe da página dupla que mostra a inauguração da estátua de Severino



Fonte: Nemo, 2024, p.334.



No quadrinho, anos após sua morte, Severino é reconhecido como uma personalidade importante da cidade, e sua memória é entronizada em uma estátua pública, feita por seu amigo, o artista plástico Jacaré. Por dez páginas, acompanhamos o processo de criação da peça, com uma condução silenciosa, sem diálogos ou texto verbal, contemplando o escultor trabalhar em cada etapa, e a matéria bruta ir se constituindo em forma humana e em representação simbólica. Após a cerimônia de inauguração, Iara e Jacaré conversam sobre o que a estátua representa da *persona* de Severino, de sua personalidade e identidade individual. A professora conta ao amigo sobre a fadada tentativa de marcar a memória de seu pai, assassinado a mando do pai de Severino, na década de 1940. Em oposição a rigidez e resistência do bronze que conforma a figura do escritor, Iara narra a construção da cruz de madeira que sua mãe mandou, a duras penas, fincar sob a vala na qual corpo de seu marido foi encontrado. Da madeira singela e volátil ao tempo, nada sobrou da cruz, assim como os marcos de memória de tantas pessoas desaparecidas nas valas, nos arquivos, na historiografia.

A memória de chumbo que a história em quadrinhos consolida acena para a vocação que a literatura e a ficção possuem enquanto memorial e potencial lugar de memória, onde o exercício de lembrar e recompor eventos passados são articulados com as necessidades e demandas do tempo presente. O mérito desta HQ está em conduzir uma história que congrega o desenrolar político brasileiro entre ditaduras com a convivência comum, utilizando a autoficção para corroborar a complexidade inerente a este processo histórico. Não se reduz ao ufanismo da história das personalidades, nem se detém apenas no mote da guerrilha e dos militantes, cosendo com a linguagem quadrinística a teia política e econômica que dá respaldo a todo o processo. Lendo a história de vida que as personagens da ficção encarnam, a partir das histórias reais dos familiares do autor e de outras figuras histórias reconhecíveis na obra, nos tornarmos também testemunhas desse passado:

[...] testemunha não seria somente aquele que viu com seus próprios olhos, o *histor* de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente.
(Gagnebin, 2009 p. 57)



Como a HQ demonstra, ainda que não tenhamos vivido os anos de chumbo, seguimos convivendo com os ecos de memórias que passam a nos pertencer, sobretudo quando ela segue com o poder de interferir e conduzir o presente.

Referências

- AGOSTINI, Ângelo; GAMA, Luís. **Diabo Coxo**. São Paulo, 1864-1865. Antônio Luiz Cagnin (org.). Edição fac-símile. São Paulo: Edusp, 2005. Disponível em <https://www.livrosabertos.edusp.usp.br/edusp/catalog/book/44>
- ARCE, Tacyana. **UFMG recebe ministra em obra do Memorial da Anistia**. UFMG, Belo Horizonte, 13 ago. 2019. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ufmg-recebe-ministra-em-visita-ao-memorial-da-anistia> Acesso em: 3 jul. 2024.
- BBC. **Marighella**: por que uma pedra em homenagem a guerrilheiro atrai ataques e aplausos em bairro nobre de SP. 6 mar. 2019. Disponível em <https://shre.ink/gBOM> Acesso em: 5 jul. 2024.
- BETTO, Frei. **Batismo de sangue**: guerrilha e morte de Carlos Marighella. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2015.
- ESPILOTRO, Tiago P. Ferro. **A moral da história**: a produção humorística de Millôr Fernandes na revista Veja (1968-1982). 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.8.2015.tde-14122015-115746. Acesso em: 3 jul. 2024.
- FUX, Jacques. **Herança**. Curitiba : Cia. Bras. De Educação e Sistemas de Ensino, 2022.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- LEHMANN, Matthias. **Chumbo**. São Paulo: Nemo, 2024.
- LICHOTE, Leonardo. **A ditadura brasileira contra Caetano Veloso**: os arquivos completos da repressão. El País, Rio de Janeiro, 13 set. 2020. Disponível em https://brasil.elpais.com/cultura/2020-09-14/a-ditadura-brasileira-contracaetano-veloso-os-arquivos-completos-da-repressao.html#?prm=copy_link Acesso em: 04 jul. 2024.
- MEMORIAL DA DEMOCRACIA. **Chega o "Pasquim" para fazer rir e pensar**. Disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/card/chega-o-pasquim-para-fazer-rir-e-pensar> . Acesso em: em 04 jul. 2024.
- MEZAROBBA, Glenda Lorena. **Um acerto de contas com o futuro. A anistia e suas consequências - um estudo do caso brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. doi:10.11606/D.8.2006.tde-06112006-162534. Acesso em: em 04 jul. 2024.
- MODENESI, Thiago. **Educação para abolição: Charges e Histórias em Quadrinhos no Segundo Reinado do Brasil**. São Paulo: Anita Garibaldi; Jaboaão dos Guararapes, Quadriculando, 3.ed. 2022.



NEVES, Margarida de Souza. **Lugares de Memória na PUC-Rio**. 2007. Disponível em <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/content/lugares-memoria-puc-rio> Acesso em: 3 jul. 2024.

NORA, Pierre; AUN KHOURY, Yara. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 3 jul. 2024.

Núcleo de direitos humanos e cidadania LGBTQIA+ <https://www.nuhufmg.com.br/cultura-e-memoria/>

TELES, Janaína de Almeida. Ditadura e repressão: locais de recordação e memória social na cidade de São Paulo. Dossiê a Memória (Ativa) da Arte. **Lua Nova**, São Paulo, 96, p. 191-220, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-6445191-220/96>. Acesso em: 5 jul. 2024.

TOZATTI, Danielle de Marchi. **Salão Internacional de Humor de Piracicaba: do humor em tempos sombrios ao caricato contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2005. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/2639>. Acesso em: em 05 jul. 2024.

